



CRENÇAS RELIGIOSAS DE HAITIANOS EVANGÉLICOS NO BRASIL: COSMOVISÃO ARTICULADA À MIGRAÇÃO

Religious beliefs of evangelical in Brazil: worldview articulated with migration

Bernadete Alves de Medeiros*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

DOI: 10.29327/256659.14.1-2

RESUMO:

Este artigo é parte de uma pesquisa realizada com comunidades evangélicas haitianas no Brasil durante o doutorado em Ciência da Religião. Este tem como objetivo discorrer sobre crenças religiosas de haitianos evangélicos no Brasil articuladas a uma cosmovisão sobre a migração. A metodologia adotada para a pesquisa envolveu levantamento bibliográfico, etnografia e entrevistas abertas. Como parte dos resultados obtidos foi possível constatar que as migrações haitianas fazem parte da história do Haiti e têm relação com crises políticas, econômicas e catástrofes naturais, mas que crenças religiosas permeiam esse processo. Concluímos que os haitianos possuem uma maneira específica de compreender os processos migratórios, a qual nós chamamos de cosmovisão migratória, e que esta era fomentada por crenças religiosas no grupo pesquisado.

Palavras-chave: Haitianos Evangélicos no Brasil. Crenças Religiosas. Migração. Cosmovisão.

* Doutora em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Ciências da Religião e Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Guarulhos. Especialista em Ciências Humanas: Sociologia, História e Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: bernadetemarcelino@outlook.com.br

INTRODUÇÃO

No ano de 2010 o Brasil passou a receber um intenso contingente de imigrantes haitianos. Esse cenário desencadeou muitos processos de pesquisas para entender esse contexto e entre as inúmeras indagações colocadas surgiram aquelas relacionadas as motivações que teriam desencadeado esse processo para o Brasil. Ao realizarmos uma pesquisa etnográfica com grupos de haitianos evangélicos, percebemos que existia entre eles uma forma “particular” de entender a migração e que no grupo pesquisado algumas crenças religiosas permeavam esse contexto.

Apoiados nas concepções de Costa (2016, p. 8), concebemos que era necessário nos aprofundarmos nas questões históricas, econômicas, sociopolíticas e ambientais do Haiti para compreendermos melhor os haitianos. Conhecer esse contexto poderia nos ajudar a desvendar muitas questões envolvendo as lutas e as conquistas desse povo, mas somadas a etnografia entre haitianos evangélicos no Brasil, poderia nos indicar em que medida as crenças religiosas mantidas pelo grupo pesquisado poderiam motivar, ou até mesmo legitimar a maneira desses imigrantes enxergarem os processos migratórios em que estavam envolvidos, e se posicionarem diante deles.

Pautados em Greschat (2005, p. 91), entendíamos que o conhecimento a respeito das crenças religiosas estudadas poderia ser “enriquecido pelo encontro vivo com seus adeptos” (Greschat, 2005, p. 81). Era necessário ouvir os haitianos dessas comunidades evangélicas e observar suas práticas para melhor compreendê-las.

O diálogo com diferentes disciplinas também se fazia necessário para a apreensão do objeto. Nesse sentido buscamos nos articular com diferentes concepções sobre o assunto, advindas de diversas áreas do conhecimento. Partimos da concepção de que a imigração haitiana para o Brasil diz respeito a “um acontecimento em que as respostas são múltiplas e estão diretamente relacionadas com o processo histórico de formação da sociedade haitiana nas perspectivas da cultura, da economia, da política interna e externa” (Contingui; Pimentel, 2013, p. 25).

Sabendo que “os indivíduos podem vivenciar sua migração como resultado de uma decisão pessoal, mas em migrações de grande escala a opção de migrar é produzida socialmente” (Sassen, 2010, p. 115), entendíamos que conhecer o contexto histórico-social haitiano era extremamente relevante para entendermos as suas motivações migratórias. Por

outro lado, esse cenário nos daria respaldo para compreendermos também a maneira que esses imigrantes concebiam as questões relacionadas a migração e as crenças religiosas vinculadas a esse contexto.

Em nossa experiência etnográfica com diferentes comunidades haitianas, verificamos uma forma similar desses imigrantes perceberem o processo migratório, levando-nos a refletir sobre uma possível “cosmovisão migratória haitiana”, fundamentada em uma construção histórica, mas que no grupo pesquisado era fomentada por crenças religiosas. Como “cosmovisão” entendemos uma forma “subjativa de ver e entender o mundo”¹ ou, em outras palavras, uma “visão de mundo”.²

O artigo apresentado é parte de uma pesquisa realizada com comunidades evangélicas haitianas no Brasil, mais especificamente em um bairro periférico de São Paulo, durante o doutorado em Ciência da Religião. Este tem como objetivo discorrer sobre crenças religiosas de haitianos evangélicos no Brasil, articuladas a uma cosmovisão sobre a migração. A metodologia adotada para a pesquisa envolveu levantamento bibliográfico, etnografia e entrevistas abertas.

Frente a necessidade de entendermos de forma mais abrangente o nosso objeto, dividimos o trabalho em diversas partes, entre as quais serão apresentadas as crenças religiosas relacionadas ao contexto pesquisado nas comunidades haitianas evangélicas.

Na primeira parte abordaremos a história do Haiti. Essa fase do texto é relevante para compreendermos como alguns fatos históricos foram marcantes para que a emigração se constituísse de forma relevante para o povo haitiano. Na segunda parte falaremos sobre os desastres naturais no Haiti e suas consequências para o reforço dos projetos migratórios entre eles. Na terceira parte destacaremos o processo histórico de emigrações haitianas para diferentes países como consequência dos quadros apresentados na primeira e segunda parte. Na quarta parte, nos debruçaremos sobre uma cosmovisão migratória haitiana construída a partir da relação com o contexto anteriormente apresentado e as crenças religiosas do grupo pesquisado, que surgem como legitimadoras e motivadoras nesse processo.

¹ Informações obtidas em dicionário on-line: *Oxford Dictionaries; Cortana; Bing Translator*. Disponível em <https://www.bing.com>. Acesso em 18 de outubro de 2019.

² Idem.

MATIZES DE FUNDO HISTÓRICO

A ilha denominada Haiti, antiga colônia francesa, é um país da América Central que se tornou a primeira república negra do mundo em 1804, formada por ex-escravos³. Esse país está localizado na parte oeste da ilha *Hispaniola* e ocupa 27.750 km² desse território. As línguas oficiais são o francês e o crioulo, mas a maioria da população (pobre e, por isso, menos favorecida) tem menos domínio da língua francesa. Com mais de 10,5 milhões de pessoas (2017), o Haiti mantém mais da metade de sua população abaixo da linha da pobreza e em estado de subnutrição⁴. Pelo menos 95% são negros e o restante, mulatos e brancos.

A economia desse país tem como base a agricultura, mas como a mão de obra qualificada é escassa, ele sofre com altas taxas de desemprego, além do subemprego. Mais de dois terços da população se ocupa de empregos informais e o “índice de analfabetismo é de 47,1%” (Télémaque, 2012, p. 6). A maior parte da educação é oferecida pela rede privada, com altos custos financeiros. A religião articulada à história desse povo é o vodu. Por alguns dos motivos apresentados, o país tem sido reconhecido como o mais pobre do ocidente.

Em 1795, a França dominou toda a ilha, e Toussaint Louverture foi instituído como governador. Em 1802, a França tentou restabelecer a escravidão, mas em um intenso embate com ex-escravos, a ilha se tornou independente da França em 1º de janeiro de 1804. Dessa forma, nomeada de Haiti, a primeira república negra das Américas foi instituída. O seu proclamador foi Jean Jacques Dessalines, um dos comandantes negros que, juntamente com outros, liderou a guerra proclamada contra a França em busca da liberdade dos haitianos por ela dominados (Pierre, 2009, p. 25-27).

Em 1849, o Haiti viveu mais um período de instabilidade e luta entre negros e mulatos. Faustino Soulouque (Faustin I) se proclamou imperador e promoveu grande repressão contra os mulatos. Após 10 anos no poder, ele foi deposto em 1859 pelo mulato Nicolas Geffrard, que restaurou a república e governou até 1867. Desse período até 1910, o país foi governado exclusivamente por mulatos. Os Estados Unidos (EUA), que já haviam se instalado na República Dominicana, passaram a se interessar pelo Haiti em 1915, alegando querer expandir o continente americano. Após invadirem o Haiti e confiscarem toda a reserva de ouro que o país havia guardado, passaram a dominar e reprimir o povo haitiano. Nesse pe-

³ FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. O Terremoto no Haiti. In: *Brasil Escola*. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/o-terremoto-no-haiti.htm>. Acesso em 29 de junho de 2020.

⁴ Idem.

ríodo, o país viveu certa estabilidade, porém a um alto custo de repressão (Pierre, 2009, p. 27).

Nesse cenário, iniciou-se uma revolta camponesa em 1918 que, ao ser reprimida com violência, moveu toda a população haitiana. Os EUA deixaram o Haiti até 1934, e de 1945 a 1957 os militares ficaram no poder. Em 1957, François Duvalier (Papa Doc) foi eleito presidente da república. Os negros esperavam que ele possibilitasse a libertação do domínio dos mulatos, mas esse presidente realizou “o regime mais sanguinário que o país já conheceu”. Em 1964, formou sua milícia, proclamando-se presidente vitalício, e após sua morte em 1971, Claude Baby Doc, seu filho, tornou-se presidente (Pierre, 2009, p. 27-28).

No ano de 1986, houve uma manifestação popular que levou Baby Doc a deixar o seu cargo e a refugiar-se na França. Nesse período, o poder foi assumido mais uma vez por militares (1986-1990). Houve a aprovação da constituição em 1987, e em “dezembro de 1990, Jean-Bertrand Aristide, ex-padre católico, foi eleito presidente, mas em setembro do ano seguinte foi deposto pelos militares através de um golpe do estado” (Pierre, 2009, p. 28). Muitos outros golpes do Estado foram efetuados pelos militares.

Em 1994, com a ajuda de Bill Clinton (presidente dos EUA), Jean-Bertrand Aristide voltou ao poder, dissolvendo o exército e criando uma força policial. No ano de 1996, René Préval, que havia sido ex-ministro de Aristide, elegeu-se à presidência e dirigiu o país por quatro anos. Em 2001, Aristide voltou a ser presidente, mas foi forçado a deixar novamente o poder em 2004. Acusado de corrupção, ele foi buscar asilo na África do Sul. Na ocasião, “Alexandre Boniface assumiu inteiramente a presidência e requisitou às Nações Unidas ajuda para manter a segurança do país” (Pierre, 2009, p. 28).

Após o quadro político retratado, resultando na busca por auxílio das Nações Unidas para a segurança do país, surgiu a MINUSTAH (*Mission des Nations Unies pour La Stabilisation em Haïti*). A missão foi chefiada pelo Brasil, contou inicialmente com 6.700 homens (PIERRE, 2009, p. 28) e foi o início da relação entre o país e o Haiti. De acordo com Costa (2015), a situação social do Haiti naquele momento parecia fugir de qualquer controle. A MINUSTAH, constituída por soldados de inúmeros países, mas chefiada pelo Brasil, foi instalada no Haiti com intuito de pacificação. Na ocasião, a “presença de brasileiros no Haiti e as próprias atitudes do governo brasileiro reforçaram os elos de conhecimento, amizade e solidariedade entre Haiti e Brasil” (Costa, 2015, p. 61).

A operação foi renovada sucessivamente até o ano de 2017, tendo o Brasil no comando. Nesse período, pelo menos 37,5 mil militares do Brasil atuaram no Haiti. A MINUSTAH entendeu ter alcançado a pacificação do país desde 2008, ocasião em que passou a se organizar para deixar o local. Contudo, entre os anos de 2010 e 2017, o Haiti se viu diante de três catástrofes naturais, o que levou a MINUSTAH a estender sua estadia no lugar para oferecer ajuda policial e humanitária. A MINUSTAH teve o seu encerramento aprovado pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas no dia 13 de abril de 2017. O documento indicou que o Haiti havia alcançado a estabilização do processo eleitoral de 2016 e retomado a ordem constitucional, iniciando-se uma nova gestão presidencial com Jovenel Moïse (Valente, 2017).

No entanto, poucos meses após a MINUSTAH ter deixado o país, este entrou novamente em uma crise política, desencadeando violência e protestos que acusavam o governo (2016) de corrupção e demonstravam o ódio acumulado pela sociedade em decorrência das desigualdades sociais marcadas pela miséria. A discussão sobre a corrupção política que teria envolvido o governo de 2016 era apontada como um sistema que ocorre há anos no país (Azevedo, 2019).

Em conversas realizadas com alguns haitianos sobre a situação do Haiti em meados de 2019, foi possível observar a grande preocupação deles com familiares que se encontram nesse país. Os imigrantes alegavam que os parentes estavam com muitas dificuldades para acessar o dinheiro que lhes era enviado, pois este ficava preso nos bancos financeiros do Haiti. Um dos haitianos comentou que a moeda do país havia se desvalorizado bastante e as remessas de dinheiro encaminhadas estavam demorando muito para chegar até seus familiares. Alguns destes estavam passando por muitas necessidades financeiras, inclusive a falta de alimentos para consumo. Os haitianos também disseram que os parentes estavam com medo de sair nas ruas devido aos violentos protestos que estavam ocorrendo com frequência. Além disso, alguns parentes e amigos que haviam se programado para vir ao Brasil não estavam conseguindo o visto.⁵

A crise política que se instalou no Haiti após a saída da MINUSTAH gerou muitos conflitos internos. Além das manifestações e confrontos entre a população e autoridades, que causavam medo, mortes e maior instabilidade no país, os familiares desses imigrantes esta-

⁵ Informações obtidas em pesquisa de campo entre os meses de fevereiro e outubro de 2019.

vam passando por situações de miséria e fome. Alguns haitianos afirmavam acreditar que aqueles com condições de sair do país não hesitariam em fazê-lo, e que muitos procurariam o Brasil como destino.

Em algumas celebrações religiosas evangélicas do grupo pesquisado pudemos observar comentários sobre a situação do Haiti. A fé religiosa motivava o grupo a se reunir em oração pelos entes queridos que estavam passando por dificuldades naquele momento, e interceder pelo bem-estar deles e pelo próprio Haiti. Apesar de se mostrarem tristes pela situação do país, não deixavam de enfatizar a crença no cuidado e na proteção de Deus.

Percebemos também que nesse período, alguns imigrantes receberam diversos familiares de maneira indocumentada, por não terem conseguido regularizar o visto. Durante o culto alguns haitianos falavam sobre como estava a situação no Haiti e como havia sido a jornada migratória até o Brasil. Apesar de sabermos o que estavam dizendo por meio da ajuda de outros imigrantes que nos explicavam, não compreendíamos tudo em decorrência da língua (crioulo).

Esse cenário histórico e contemporâneo nos indica que as crises políticas envolvendo golpes de Estado e governos ditatoriais, guerras civis e problemas socioeconômicos têm sido comuns no Haiti⁶. Nos últimos anos, essa realidade também desencadeou algumas emigrações haitianas. Como os haitianos evangélicos no Brasil se reúnem em comunidades étnicas, nelas esses imigrantes podem praticar a sua fé religiosa e preservar parte da sua cultura. No entanto, antes de abordarmos a questão religiosa que permeia a temática a ser desdobrada nesse texto, outros fatores precisam ser destacados. Por isso, além dos quesitos já apresentados devemos citar os desastres naturais tão recorrentes no Haiti.

DESASTRES NATURAIS

Os desastres naturais também fazem parte da história do Haiti. Exames topográficos que registraram abalos sísmicos na ilha de 1564 até 1962 indicam que ela sofreu desastres naturais (abalos, terremotos, vendavais e outros) nos anos de: 1564, 1684, 1691, 1701, 1713, 1734, 1751, 1768, 1769, 1770, 1771, 1783, 1784, 1785, 1786, 1787, 1788, 1789, 1797, 1818, 1842, 1860, 1881, 1887, 1910, 1911, 1912, 1917, 1918, 1922, 1924, 1946, 1952, 1956 e 1962. Alguns desses desastres foram mais catastróficos e, por isso, marcaram a história; já outros tiveram menor repercussão (Prepetit, 2008).

⁶ FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. O Terremoto no Haiti. In: *Brasil Escola*. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/o-terremoto-no-haiti.htm>. Acesso em 29 de junho de 2020.

Entre os desastres que marcaram a história do Haiti no intervalo de tempo apresentado, destacamos o terremoto de 1842. Entre os relatos sobre esse episódio encontramos a fala de um bispo (J.M. Jan) da Cidade do Cabo, citado por Prepetit (2008):

No sábado, 7 de maio de 1842, dois dias após a festa da ascensão, ouvimos cerca de 5h30 da tarde um som como de um trovão subterrâneo, acompanhado por vários tremores tão violentos que em menos de alguns segundos, a cidade do Cabo foi transformada em um vasto campo de ruínas; tão repentino que a maioria dos seus habitantes não tiveram tempo para fugir ou fazer uma despedida. Três pessoas foram enterradas sob os escombros da Catedral e outros milhares sob os escombros de suas casas. No momento em que a cidade estava desmoronando, o céu ficou tão obscurecido pelos redemoinhos de poeira que poderíamos confundir como uma noite completa. O mar correu sobre a cidade, para as casas que alinham o cais e imediatamente se retirou, felizmente. Mas as mudanças que sacudiram as profundezas levaram à face tanto lama e detritos de todos os tipos que a água era preta em todo o porto. O solo abriu em todos os lados [...] os gritos aterrorizantes das vítimas enterradas nas ruínas foram ouvidos, consumindo o ardor do fogo estourando no meio dos escombros [...] assustado pelo terror, aqueles que tinham sido capazes de fugir passaram a noite em praças públicas (J. M., 1972, *apud* Prepetit, 2008, p. 04, tradução nossa).

Depois de 1962 o Haiti passou por outros desastres naturais, e nos últimos anos (1996 a 2016) registrou pelo menos 229.699 mortes decorrentes de catástrofes dessa natureza (Verdélío, 2016). Pontuamos que em 2004 esse país sofreu um abalo que demandou extensa ajuda de outros países, entre os quais o Brasil também ofereceu sua contribuição. “Em 26 de janeiro de 2004, o presidente Lula [Luiz Inácio Lula da Silva] assinou uma medida provisória que liberou R\$ 375,95 milhões para auxiliar o Haiti” (Costa, 2015, p. 61), momento em que também ofereceu acolhimento para haitianos que quisessem emigrar para o Brasil (Costa, 2015).

No entanto, o terremoto de 2010 foi o que mais gerou mortes dentro do período indicado (1996-2016), com pelo menos 220 mil vítimas (Verdélío, 2016). Essa catástrofe ocorreu no dia 12 de janeiro de 2010 e alcançou magnitude 7,0 na escala Richter, além de desabrigar muitas pessoas e derrubar edifícios, como o palácio presidencial localizado em Porto Príncipe, capital do país.⁷ Nessa ocasião, a situação do país entrou em extrema calamidade. Além do grande número de mortos, o terremoto levou mais de um milhão de pes-

⁷ Idem.

soas ao deslocamento interno. A grande maioria delas se alojou de maneira precária durante meses em acampamentos distribuídos na capital e suas imediações (Marcelino, 2019, p. 45).

Cabe lembrar que alguns brasileiros estavam entre esses mortos. Na ocasião, o Brasil mantinha 1.266 militares brasileiros no Haiti e liderava sete mil soldados que trabalhavam no processo de pacificação desse país por meio da MINUSTAH. Entre os militares brasileiros, 18 morreram no terremoto de 2010. Outros três brasileiros civis também foram contabilizados entre os mortos.⁸ Uma haitiana com quem tivemos contato estava presente nesse episódio e nos relatou o acontecimento a partir da sua experiência.

Eu estava morando com a minha irmã. Ela era casada e morava: ela, o seu marido e eu. A gente saiu de casa e foi para uma praça. Um lugar vazio, que não tem nada. Ficou a noite toda caindo as coisas. Tremendo, tremendo... Eu tinha outra prima, em outro lugar, para eu ir. Então falei pra minha irmã: no dia seguinte eu vou voltar para a minha cidade. Não tinha como se comunicar pelo celular. Aí eu saí. Pra sair, colocar o pé de lá pra cá, é só passar por cima de gente. Só gente morta. [...] Gente de todo tipo, sem o pé, sem a cabeça. Eles não tinham nada para cobrir. Só carne, só carne! Depois que eu saí de lá, não vou mentir pra você não, eu não voltei. [...] Não quero saber daquele lugar. O terremoto atingiu mais a capital. Destruiu tudo, tudo, tudo. Não tinha nada. Aí todo mundo tinha que ir pra lá e pra cá. (Relato de uma haitiana em 15 de fevereiro de 2018).

Preocupados com novos tremores de terra, muitas pessoas deixaram suas casas e permaneceram nas ruas. Em decorrência da calamidade em que algumas regiões do país se encontravam, necessidades como alimentação, água potável e medicamentos se tornaram escassas, o que elevou o desespero da população e os confrontos relacionados à aquisição desses itens. Poucos dias depois, em 20 de janeiro de 2010, outro terremoto aconteceu há pelo menos 60 km de distância da capital, atingindo o sudeste do país.⁹ Logo após esse evento, muitos haitianos vieram para o Brasil. Hoje, sabemos que o terremoto não foi o único motivador para o início desse processo.

Com apoio de concepções apresentadas por Cotinguiba (2014, p. 86), Marcelino (2019) acrescenta

[Os] fatores motivacionais dessa imigração para o Brasil envolvem inúmeras questões, além daquelas de origem política, econômicas ou relacionadas às catástrofes naturais no Haiti. A visibilidade e o crescimento econômico do Brasil, que na época

⁸ Idem.

⁹ Idem.

estava em ascensão, seria um desses fatores, mas também: a facilidade de entrar no país por fronteiras localizadas na região norte; as possíveis ofertas de trabalho que surgiriam com a copa de 2014; as expectativas de uma vida melhor; a questão do “endurecimento de políticas de imigração em outros países”; outras catástrofes naturais e a possibilidade de um visto de permanência de maneira rápida e de certa forma simples, no país. [...] Deve-se atentar-se também para as particularidades relacionadas à história de vida de cada um desses imigrantes, bem como suas esperanças, sonhos, fragilidades e coragem (Marcelino, 2019, p. 47).

Apesar das inúmeras motivações apontadas, o terremoto marcou um período de imigração haitiana em massa para o Brasil, que se estendeu com intensidade até meados de 2015, e foi uma das motivações migratórias de alguns haitianos. A mesma haitiana que nos forneceu o depoimento sobre sua experiência durante o terremoto de 2010 no Haiti também apresentou motivações pessoais pelas quais teria escolhido o Brasil para migrar.

A minha mãe tem somente duas filhas. A minha irmã agora está nos Estados Unidos. Meu pai tem um monte de filhos, mas não sei onde estão porque eu não conheço. Minha mãe ficou no Haiti. [...] O Estados Unidos é melhor porque é mais perto do Haiti. Tem bastante haitiano lá. Bastante mesmo! Tem algumas comunidades que você vai e só tem haitiano. Antigamente era mais fácil ir para os Estados Unidos. Dificilmente você vê um haitiano que não tem um parente por lá. Nesses dois países: Estados Unidos e França. Como a gente foi colonizado pela França, então antigamente era mais fácil de entrar. [...] Depois do terremoto as coisas ficaram um pouco difíceis. Naquele momento só o Brasil estava com a porta aberta para os haitianos. Então eu conversei com a minha irmã. Como somos só, a gente conversa. Eu via muita gente vindo para o Brasil, então conversei com ela. E ela disse que se eu quisesse vir, tudo bem. [...] Aí eu resolvi vir para o Brasil. Lá eu comprei o meu visto. Eles estavam dando visto, mas no Haiti as coisas são um pouco difíceis. Tudo o que você quer, tem que pagar. Paguei no meu visto dois mil dólares. Eles me deram o visto e depois comprei a passagem por mil e quinhentos dólares e vim pra cá (Relato de uma haitiana em 15 de fevereiro de 2018).

No caso do relato da jovem haitiana, apresentado acima, foi possível perceber que parte das motivações que a levaram a migrar para o Brasil estavam relacionadas ao terremoto de 2010. Como discorre, ainda que implicitamente, a irmã dela foi para os Estados Unidos. A forte presença em número de haitianos nos Estados Unidos e na França também foram citados por ela. Esse cenário permeia um processo que já se estende há muitos anos no Haiti: a emigração de haitianos para diferentes países.

Nesse contexto, é importante ressaltar que no caso dos haitianos evangélicos contemplados pela nossa pesquisa, a migração como potencial mudança de vida era apresentada como uma alternativa que não estava desassociada de suas crenças religiosas. Havia a busca divina por um processo migratório bem-sucedido. Acreditavam que a oportunidade de migrar e poder mudar de vida, poderia estar relacionada a uma providência de Deus, e por isso a fé que os sustentava também os motivava a ir em frente, mesmo sabendo das dificuldades que enfrentariam (Marcelino, 2021). Nesse sentido, a fé evangélica contribuía para que pudessem se reinventar e apostar em um futuro desconhecido. As crenças religiosas sustentadas por esses imigrantes também funcionavam como um eixo sob o qual grupos de haitianos evangélicos se estruturavam em diferentes lugares, desencadeando uma rede social migratória de acolhimento e espaços propícios para socialização, apoio e manutenção da língua e outros quesitos culturais (idem).

EMIGRAÇÕES HAITIANAS E COMUNIDADES DE IMIGRANTES HAITIANOS EVANGÉLICOS

A emigração de haitianos para diferentes partes do mundo remonta a sua própria história. Na maioria das vezes, as diversas motivações que podem levar essas pessoas a deixarem seu país se relacionam a questões econômicas, políticas e desastres naturais. Assim, a constante emigração de haitianos para outros países representa “o desejo nutrido por boa parte da população de abandonar o país prevalecendo o ceticismo quanto a qualquer possibilidade de participação efetiva em um projeto viável de reconstrução nacional” (Télémaque, 2012, pp. 21-22). Além disso, o “fato de a população não conseguir satisfazer suas necessidades básicas, como saúde, educação, trabalho e a possibilidade de uma moradia digna – faz com que a migração seja a única saída” (Castro; Aguilar, 2016, p. 530). Télémaque acrescenta:

Mas, à que causa particular, ou à que causas, ligar a emigração em massa do Haiti? Devemos limitar os fatores econômicos (já que sou pobre, então vou morar em outro lugar a procura de uma vida melhor)? Ou devemos também procurar raízes em uma história que desde a independência instaurou o caos político, a espoliação das grandes potências, a extorsão quase denunciada, a violência, e o abismo entre o Estado e o povo? Certamente deve-se sempre cruzar estas perspectivas de forma metodológica para entender as razões que levaram milhões de homens e mulheres a atravessar fronteiras, assumindo riscos de diversas magnitudes a cada destino, e

muitas vezes colocando as suas próprias vidas em perigo. Historicamente, a migração haitiana é um fenômeno sazonal, envolvendo migrações de uma vida inteira e estadas temporárias em outros países. Hoje, mais de milhão são estimados a viver na República Dominicana, onde muitos trabalham na colheita da cana. [...] Daí, como se entrelaçou a história, as causas da migração haitiana são múltiplas. Mas, até mesmo pela conturbada história política, em geral, a imigração haitiana foi e continua sendo impulsionada principalmente pela busca de se escapar das restrições econômicas do país (Télémaque, 2012, p. 21).

Em 2009, o número de haitianos espalhados pelo mundo já chegava a pelo menos quatro milhões. Esse fato se mostra relevante ao considerarmos o número de habitantes dentro do Haiti, que tinha uma população formada por 10,5 milhões de pessoas em 2017. Esse cenário tem atuado como um dos principais recursos econômicos do país, pois milhões de dólares entram anualmente no Haiti por meio das remessas que haitianos que vivem em outros países enviam aos seus familiares. Essa situação perdura há anos.

Ao analisar a emigração de haitianos a partir do século XX, verificamos que esse país passou por três grandes ondas migratórias nos seguintes períodos: 1915-1935; 1965-1985; e, 2005 – 2014 (Anglade, 2017). Dados apresentados pela *Children's Fund* (UNICEF), com base no ano de 2013, indicam: 663.860 haitianos nos Estados Unidos (EUA), 258.814 na República Dominicana, 73.966 no Canadá, 73.100 na França e 40.491 nas Bahamas. Porém, considerando todo o século XX, além dos países mencionados podemos verificar que Cuba, México, Guiana Francesa, entre outros, também foram destinos de haitianos (Anglade, 2017).

Como muitos daqueles haitianos evangélicos com os quais mantivemos contato durante a pesquisa já tinham passado por diferentes países, nos chamou a atenção o fato de que em seus relatos migratórios citavam as comunidades de imigrantes haitianos evangélicas em territórios estrangeiros. É preciso mencionar que o protestantismo chegou no Haiti juntamente com os EUA e em 2016 já contemplava 28% da população haitiana. Como todo migrante carrega consigo a sua religião, alguns grupos de imigrantes haitianos evangélicos em territórios estrangeiros, como EUA, Equador e outros, formaram neles as suas comunidades haitianas evangélicas também. No Brasil nos deparamos com diversas comunidades evangélicas haitianas, que surgiram em diferentes localidades desde a chegada desse contingente no país em 2010 (Marcelino, 2016; 2021). Foi durante a etnografia com comunidades haitianas evangélicas em São Paulo que percebemos a presença de uma “cosmovisão

migratória” que mantinha relação com as crenças religiosas evangélicas sustentadas pelo grupo pesquisado.

COSMOVISÃO MIGRATÓRIA HAITIANA E CRENÇAS RELIGIOSAS NESSE PROCESSO

Tendo em vista o contexto histórico e cultural, as crises econômicas e políticas e as catástrofes naturais, bem como os diversos processos migratórios que arremataram todo o cenário apresentado relacionado ao Haiti, percebemos nuances estruturantes para uma cosmovisão haitiana em torno da migração.

Partindo da premissa de que o homem não é independente da sociedade, pois apesar de ser o seu produtor é também um produto concebido por ela (Berger; Luckmann, 1985; Berger, 1985, p. 36), e das nuances históricas apresentadas, buscamos compreender a construção de uma cosmovisão migratória haitiana, perceptível na relação que estabelecemos com os imigrantes haitianos.

Para Berger (1985), a realidade é uma construção social que ocorre por meio de um processo que acontece em três momentos. O primeiro momento é denominado de exteriorização, que é a “contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física, quer na atividade mental” (Berger, 1985, pp. 18-19). O segundo momento é chamado de objetivação, a conquista “de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles” (idem). O terceiro momento é o de interiorização, que acontece quando a realidade construída passa da estrutura do mundo objetivo para a estrutura da consciência subjetiva (Berger, 1985).

Ao considerarmos a realidade como uma construção social que acontece em um processo de interiorização indissociável da exteriorização e da objetivação, entendemos que a cosmovisão migratória haitiana é fruto do contexto social vivenciado historicamente por esse povo. Em outras palavras, pautados nessa concepção, entendemos que a visão de mundo dos haitianos em relação à migração foi construída com base na experiência dos dilemas enfrentados, diante dos quais o processo migratório passou a ser a saída mais palpável.

Podemos afirmar que, diante dos dilemas históricos, sociais, políticos e naturais (catástrofes) vivenciados pelo povo haitiano, a concepção de migrar como a possibilidade de

construir um futuro melhor passou a ser almejada por boa parte dessa sociedade. Percebemos que os haitianos tinham um intenso desejo de migrar, mesmo que para isso tivessem que enfrentar “duras perdas”, expondo-se a riscos que poderiam até ameaçar suas vidas. Como exemplo disso, podemos citar a morte em processo de travessia indocumentada para outros países sob o comando de coiotes, uma alternativa que se apresenta quando os imigrantes se veem incapazes de migrar de outra forma. Essa realidade é presente na história de haitianos que passaram por tal experiência e acabaram perdendo algum conhecido no caminho, de acordo com informações obtidas em pesquisa de campo.

Entre essas informações, destacamos a história de um rapaz haitiano que saiu do Brasil no fim de 2015 com um grupo de conterrâneos, na tentativa de entrar nos EUA de maneira indocumentada. Um dos componentes do grupo não sobreviveu. Todos os demais foram presos assim que chegaram aos EUA e, aos poucos, foram deportados para o Haiti. Alguns deles retornaram ao Brasil meses depois.

Esse rapaz haitiano nos contou essa trajetória com alguns detalhes, em agosto de 2017. A sua primeira entrada no Brasil havia acontecido em 2014. Do Brasil, ele tentou migrar para os Estados Unidos juntamente com um outro grupo de haitianos durante o ano de 2015. Os motivos dessa escolha estavam relacionados à crise econômica que o Brasil enfrentava na época. Durante a travessia pelo México, um dos integrantes do grupo não suportou a fome, a sede e o cansaço decorrentes do processo a que foram submetidos, acabou morrendo e foi deixado no caminho.

Esse grupo acabou sendo preso assim que entrou nos EUA. O jovem alegou que outros grupos anteriores a eles haviam conseguido entrar nesse país, mas como eles não conseguiram, foram deportados para o Haiti após terem ficado presos por alguns dias. Assim que esse jovem chegou ao Haiti, retornou ao Brasil, mas ainda com a intenção de migrar para outro país. Algumas vezes, ele citava a França como destino. No ano de 2019, ainda mantendo contato com esse haitiano, verificamos uma migração que ele realizou para o Chile naquele mesmo ano para visitar o irmão que havia migrado do Brasil para esse país em 2015. O jovem que iria apenas visitar o seu irmão não tinha a intenção de retornar ao Brasil, mas em decorrência de algumas mudanças migratórias legais ocorrendo naquele país, decidiu voltar mais uma vez.

Em um diálogo informal realizado em abril de 2019, esse jovem nos informou que permaneceu no Chile por dois meses e apresentou alguns pontos desse país que julgava

favoráveis em comparação ao Brasil, entre os quais estavam o salário e a carga horária de trabalho, que era menor e mais lucrativa. Contudo, disse que os custos para viver no Chile eram maiores que no Brasil. Ele também alegou ter gostado daquele país, entretanto a documentação para legalização de imigrantes estava sendo dificultada nos últimos meses, motivo pelo qual decidiu retornar mais uma vez para o território brasileiro.

Outras situações com as quais nos deparamos em campo, somadas aos diálogos, às informações e às falas em algumas entrevistas, indicaram algumas questões que podem nos ajudar a ilustrar essa cosmovisão migratória. Em uma dessas ocasiões, ao conversarmos com um casal de haitianos, foi possível adentrar no assunto sobre os processos migratórios haitianos, quando a fala de uma jovem haitiana nos chamou a atenção. Como em um desabafo, ela afirmou:

Brasileiro não entende como uma mãe haitiana deixa o filho e vai para outro país. Mas se a gente quer dar uma condição melhor para os nossos filhos, tem que ser assim... Era assim com minha avó, foi assim com minha mãe. Não temos medo de ir para outro lugar. [...] Mas se o filho é pequeno, a gente não deixa (Depoimento de uma haitiana em 18 de agosto de 2018).

O cenário apresentado acima não é incomum entre alguns haitianos com os quais mantivemos contato. Inseridos em um contexto de transnacionalidade permitido por suas redes de conexão com outros haitianos em diferentes partes do mundo, a circulação migratória entre eles é bastante comum. Em relação ao grupo pesquisado, percebemos que a cosmovisão que acompanhava esses imigrantes se apresentava como um vetor motivador, mas que tinha um aliado importante percebido no Brasil tão logo quanto pesquisadores brasileiros passaram a investigar essa migração. Estamos nos referindo ao elemento religioso, mais especificamente aquele professado pela maioria dos haitianos que vieram para o Brasil e que se denominavam evangélicos.

Entendemos que a religião é um instrumento de poder que pode contribuir para a imposição de estruturas do mundo social como algo natural ou até mesmo sobrenatural, como alega Bourdieu (2015, pp. 31, 33-34). No que se refere a esse poder que exerce a religião, é preciso mencionar que em pesquisa etnográfica com comunidades haitianas evangélicas, foi possível observar que a escolha de migrar se torna um processo legitimado por suas crenças religiosas, como se essa condição tivesse como eixo primordial um propó-

sito divino (sobrenatural). Em outras palavras, as suas crenças religiosas oferecem sustento para a cosmovisão que estes têm sobre a migração. As ações que o grupo executa nesse sentido se pautam na concepção de que, além da aprovação divina, eles têm o cuidado de Deus nesse processo.

Percebemos que esses haitianos evangélicos não acreditam no acaso. As suas falas defendiam a ideia de que, onde quer que estivessem (qualquer lugar ou país), Deus estaria com eles, cuidaria deles, os ajudaria e providenciaria aquilo de que precisassem. Relatos bíblicos relacionados a peregrinos ou a estrangeiros lhes ofereciam respaldo para a fundamentação de tais pensamentos, como na história do povo hebreu, em que Deus se apresenta como alguém que acompanha o seu povo e não o abandona, conforme a fala de alguns.

As crenças sustentadas pelo grupo pareciam produzir esperança e superação. Era uma fé que se sustentava sob a expectativa de uma migração que só seria concluída em vista de um suposto destino/final – o “reino dos céus”. A cosmovisão migratória haitiana, de certa forma legitimada pela cosmovisão religiosa (evangélica) professada por haitianos com os quais tínhamos contato, parecia potencializar as expectativas relacionadas a seus processos migratórios. Em alguns casos, sonhos eram interpretados como confirmação de que esses imigrantes estariam sendo guiados por essa força divina nesse processo.

Por fim, torna-se relevante observar que ser um imigrante evangélico no Brasil pode trazer alguns benefícios. Esses benefícios surgem a partir da relação que estabelecem com igrejas evangélicas já existentes no país, como também foi possível observar em campo. Esse quesito facilita o acolhimento e a integração desses imigrantes no Brasil, fortalecendo laços com nativos e alargando suas redes sociais migratórias.

CONCLUSÃO

Como foi possível constatar por meio do texto exposto, a “cosmovisão migratória” haitiana apresentada constitui-se como uma forma de ver o processo migratório como alternativa mais viável e palpável para alcançar melhores condições de vida. Essa “cosmovisão” está intimamente relacionada a história desse povo, no entanto, no caso do grupo pesquisado, também está articulada a uma concepção religiosa.

Na primeira parte do texto, denominada de Matizes de fundo histórico, foi possível conhecer um pouco da história do Haiti e em que medida as crises políticas e econômicas

teriam afetado o país. Na segunda parte falamos sobre os desastres naturais e de que forma estes teriam ocasionado parte da motivação para que esse contingente migrasse para o Brasil. Na terceira parte destacamos como as emigrações haitianas para diferentes países fazem parte do contexto histórico do Haiti, e apontamos como as comunidades evangélicas haitianas no Brasil e em outros territórios estrangeiros surgem em decorrência da presença de imigrantes haitianos evangélicos nesses lugares. Na quarta e última parte, pautando-se em todas as questões anteriormente apresentadas, nos debruçamos sobre a cosmovisão migratória haitiana, mas sobretudo, nas concepções religiosas evangélicas presentes nesse contexto.

Concluimos que as emigrações haitianas fazem parte da história do Haiti e têm relação com crises políticas, econômicas e catástrofes naturais, e que as motivações imigratórias haitianas para o Brasil se somaram a esses fatores, mas que no grupo de haitianos pesquisados, crenças religiosas estão articuladas de forma contundente a esse cenário.

REFERÊNCIAS

ANGLADE, Georges. *Les Haïtiens dans le monde, île en île*. Publicado em 21 de abril de 2009, atualizado em 2017. Disponível em <http://ile-en-ile.org/georges/anglade-les-haitiens-dans-le-monde/>. Acesso em 22 de outubro de 2019.

AZEVEDO, Amailton Magno. *A memória musical de Geraldo Filme: os sambas e as micro-Áfricas em São Paulo*. Tese (Doutorado em História) São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

BERGER, L. Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, L. Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. Prefácio. 1930-2002. *A economia das trocas simbólicas*. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CASTRO, Maria da Consolação Gomes de (et. al.) Da partida a acolhida: a realidade dos imigrantes haitianos residentes na região metropolitana de Belo Horizonte e os desafios à integração social e laboral. In: BAENINGER, Rosana (et. al.) (org.). *Imigração Haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

COSTA, Gelmino A. Haitianos no Brasil. In: CUTTI, Dirceu (et. al.) (org.). *Migração, trabalho e cidadania*. São Paulo: Editora PUC, 2015.

COSTA, Gelmino A. Memória da chegada de imigrantes haitianos a Manaus, 2010-2014: presença da Pastoral do Migrante. In: *Cadernos de Migração*, nº 8. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, 2016. Disponível em <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/download/501/460>. Acesso em 25 de abril de 2023.

COTINGUIBA, Geraldo C.; PIMENTEL, Marília Lima. Relato sobre imigração na Amazônia ocidental brasileira: haitianos em Porto Velho. In: *Nossa América – Revista do Memorial da América Latina*, n. 3, 2013. p. 24-26.

COTINGUIBA, Geraldo C. *Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios*. Dissertação (Mestrado em História). Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2014.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. *O terremoto no Haiti. Brasil Escola*. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/o-terremoto-no-haiti.htm>. Acesso em 21 de outubro de 2019.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião?* Trad. de Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

JOSEPH, Jean Anel. *Missão integral: um estudo do vodu haitiano no contexto do pluralismo religioso*. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

MARCELINO, B. A. M. *O imigrante haitiano e a Igreja Adventista do Sétimo Dia em São Paulo: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016.

MARCELINO, B. A. M. *A fé em um país distante: uma relação entre religião e imigração em um contexto que envolve haitianos adventistas*. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

MARCELINO, B. A. M. *Comunidades evangélicas haitianas: um estudo etnográfico em Guai-anases, SP*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021.

PIERRE, Jean Gardy Jean. *Haiti, uma República do Vodou? Uma análise do lugar do Vodou na sociedade haitiana à luz da Constituição de 1987 e do Decreto de 2003*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

PREPETIT, Claude. Tremblements de terre en Haïti: mythe ou réalité? *Le Matin*. n. 33.082, p. 4, quinta-feira, 9 de out. 2008. Disponível em http://www.bme.gouv.ht/risques%20geologiques/LeMatin_séismes.pdf. Acesso em 27 de novembro de 2019.

SASSEN, Saskia. *Sociologia da Globalização*. Trad. de Geraldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2010.

TÉLÉMAQUE, Jenny. *Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações*. Monografia em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

VALENTE, Jonas. ONU encerra missão no Haiti comandada pelo Brasil. *Agência Brasil*. Brasília, 16 de out. 2017. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-10/onu-encerra-missao-no-haiti-comandada-pelo-brasil>. Acesso em 09 de outubro de 2019.

VERDÉLIO, Andreia. Haiti é o país com maior número de mortes por catástrofes naturais, diz ONU. *Agência Brasil*. Publicado em 13 de out. 2016. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-10/haiti-e-o-pais-com-maior-numero-de-mortes-por-catastrofes-naturais-diz-onu>. Acesso em 21 de outubro de 2019.

ABSTRACT:

this paper is part of a survey carried out with Haitian evangelical communities in Brazil during the doctorate period in Religious Studies. This paper aims to discuss the religious beliefs of evangelical Haitians in Brazil, linked to a worldview on migration. The methodology adopted for the research comprises a bibliographic survey, ethnography and open interviews. As part of the results obtained, it is possible to verify that Haitian migrations are part of the history of Haiti and are related to political and economic crises and natural disasters, and that religious beliefs permeate this process. We conclude that Haitians have a specific way of understanding migratory processes, which we call the migratory worldview, and that it was fostered by religious beliefs in the researched group.

Keywords: Evangelical Haitians in Brazil; Religious beliefs; Migration; Worldview.

Recebido em 22/01/2022

Aprovado para publicação em 04/04/2022